

## O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO *BULLYING* NA SALA DE AULA

Willer Carlos de Oliveira<sup>1</sup>

OLIVEIRA, W. C. de. O papel do Professor diante do *Bullying* na sala de aula. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 18, n. 2, p. 297-317, jul./dez. 2018.

**RESUMO:** O *bullying* é um fenômeno mundial que tem se manifestado tanto em escolas públicas como privadas. Algumas escolas não admitem a ocorrência do *bullying* entre seus alunos, ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. De origem inglesa, corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que ocorrem nas instituições de ensino. Crianças e jovens vítimas de *bullying*, na maioria das vezes, sofrem caladas frente ao comportamento de seus ofensores. As consequências podem ser desastrosas, desde repetência e evasão escolar, até isolamento, depressão e, em casos extremos, suicídios e homicídios. A presente pesquisa justifica-se em razão da importância do professor conhecer as consequências que o *bullying* pode trazer para às vítimas, e assim ajudar na prevenção e no combate em sala de aula, através das suas falas, gestos e ações, que podem prevenir ou até mesmo provocar o *bullying*. Neste contexto, buscou-se realizar uma pesquisa cujo foco foi compreender o que é o *bullying*, como ele ocorre e as suas consequências no ambiente escolar; analisar a maneira como os educadores percebem a existência deste fenômeno e como interferem quando percebem a ocorrência do *bullying*, além de verificar se as ações por parte dos professores podem implicar na ocorrência do *bullying* na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alunos; Escola; Professor; Violência; *Bullying*.

---

DOI: 10.25110/educere.v18i2.2018.6973

<sup>1</sup>Especialista em Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso, Métodos e Técnicas de Ensino, Educação a Distância e Consultoria Empresarial. Tutor Mediador do Núcleo de Ciências Sociais e Aplicadas da Unipar-EAD - Universidade Paranaense - Umuarama. E-mail: willerCarlos@unipar.br

## THE TEACHER'S ROLE WHEN FACING BULLYING IN THE CLASSROOM

**ABSTRACT:** Bullying is a worldwide phenomenon that has been observed in both public and private schools. Some schools do not admit that bullying takes place among their students, are unaware of the problem or even refuse to face it. The word is understood as a set of attitudes including physical and/or psychological violence taking place within educational institutions. Children and youngsters who are victims of bullying are most of the time silent in face of the behavior of their offenders. The consequences can be disastrous, from school failure and drop-out, to isolation, depression and, in extreme cases, suicides and even homicides. This research is justified due to the importance of the teacher knowing the consequences that bullying can bring to the victims, and thus being able to help in its prevention and elimination in the classroom, through their speeches, gestures and actions, which can prevent or otherwise provoke bullying. In this context, the paper sought to carry out a research focusing on the comprehension of bullying, how it occurs and the consequences it has in the school environment; analyzing how educators perceive the existence of the phenomenon and how they interfere when they notice bullying is happening. In addition, it seeks to check if the teachers' actions can result in bullying in the classroom.

**KEYWORDS:** Students; School; Teacher; Violence; Bullying.

## EL PAPEL DEL PROFESOR ANTE EL *BULLYING* EN AULA

**RESUMEN:** El *bullying* es un fenómeno mundial que se ha manifestado tanto en escuelas públicas como privadas. Algunas escuelas no admiten la ocurrencia del *bullying* entre sus alumnos, o desconocen el problema o se niegan a enfrentarlo. Palabra de origen inglesa, corresponde a un conjunto de actitudes de violencia física y / o psicológica que ocurren en las instituciones de enseñanza. Niños y jóvenes son víctimas de *bullying*, la mayoría de las veces, sufren callados frente al comportamiento de sus ofensores. Las consecuencias pueden ser desastrosas, desde repetición y evasión escolar, hasta aislamiento, depresión y, en casos extremos, suicidios y homicidios. La presente investigación se justifica en razón de

la importancia del profesor en conocer las consecuencias que el *bullying* puede traer a las víctimas, y así ayudar en la prevención y en el combate en el aula, a través de sus declaraciones, gestos y acciones, que pueden prevenir o incluso provocar el *bullying*. En este contexto, se buscó realizar una investigación cuyo foco ha sido comprender lo que es el *bullying*, cómo ocurre y sus consecuencias en el ambiente escolar; analizar la forma como los educadores perciben la existencia de este fenómeno y cómo interfieren cuando perciben la ocurrencia del *bullying*, además de verificar si las acciones por parte de los profesores pueden implicar en la ocurrencia del *bullying* en el aula.

**PALABRAS CLAVE:** Alumnos; Escuela; Profesor; Violencia; *Bullying*.

---

## 1 INTRODUÇÃO

De origem inglesa, a palavra *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que ocorrem nas instituições de ensino. Crianças e jovens vítimas de *bullying*, na maioria das vezes, sofrem caladas frente ao comportamento de seus ofensores. As consequências podem ser desastrosas, desde repetência e evasão escolar, até isolamento, depressão e, em casos extremos, suicídios e homicídios.

Este fenômeno começou a ser reconhecido por meados da década de 90 pelo pesquisador norueguês Dan Olweus, que foi o primeiro a relacionar as brincadeiras praticadas com o nome *bullying*. A partir de então, várias pesquisas sobre o *bullying* passaram a ser desenvolvidas. Os Estados Unidos é um dos países pioneiros a incentivar este campo de pesquisa. No Brasil, esta prática passou a ser conhecida e estudada pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência).

O *bullying* é um fenômeno mundial que tem se manifestado tanto em escolas públicas como privadas. Algumas escolas não admitem a ocorrência do *bullying* entre seus alunos, ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo.

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas entre pares causando dor e angústia dentro de relações desiguais de poder (FANTE, 2005).

O *bullying* escolar, é uma forma de violência caracterizada por

agressões morais e físicas entre alunos, sejam crianças, adolescentes ou jovens e até mesmo professor, dentro do ambiente escolar. Qualquer forma de intimidação ou sarro, que seja repetitiva com o mesmo alvo, é considerada *bullying*.

A escola é um ambiente de sociabilização e integração, onde se espera o aprendizado, valores, disciplina e sociabilização e em nenhum momento esperamos qualquer forma que seja de violência.

Logo, emerge a seguinte dúvida: se o docente não tem conhecimento sobre o que é o *bullying* e suas consequências, mas no seu dia-a-dia convive com essas brincadeiras, teria este professor condições de lidar com o problema de maneira satisfatória?

Sabe-se que o *bullying* ocorre há muito tempo, mas só se passou a ter um olhar especial para este fenômeno a partir da década de 1970. Logo, depara-se com vários questionamentos, como por exemplo: Como este fenômeno tem sido visto pelos professores e como estes lidam com tais situações?

A partir da conceituação adotada por Fante (2005), o *bullying* seria um problema mundial, ou seja, ocorre em diversas escolas do Brasil e do mundo, públicas ou privadas, sendo mais evidenciado na adolescência. Para a autora, o fenômeno é tão antigo quanto à própria escola, embora poucos esforços foram despendidos para que fossem concretizados estudos, pelo menos até a década de 1970, quando surgiu, na Suécia, um grande interesse pelo fenômeno.

Logo após, Olweus começou a realizar estudos na Noruega, por meio dos quais constatou que em cada sete alunos estava envolvido com o *bullying*. O pesquisador elaborou um programa de intervenção que tinha por objetivos “desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais [...] e prover apoio e proteção das vítimas” (OLWEUS, 1989 apud FANTE 2005, p.43).

Após o ponta pé inicial de Olweus, e outros pesquisadores começaram a se interessar e estudar o tema, chegando a constatação que de 5 a 35% das crianças em idade escolar estariam envolvidas de alguma forma com o *bullying*. Segundo Fante (2005) nos Estados Unidos, o nível de práticas do fenômeno é tão grande que os pesquisadores definem como um conflito global, afirmando que esta classe social poderá se tornar uma

sociedade de adultos delinquentes.

No Brasil, o *bullying* passou a ser conhecido e estudado pela Associação Brasileira de Proteção a Criança e ao Adolescente - ABRAPIA, que após realizar algumas pesquisas em escolas do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro que contou com a participação de 5875 alunos e comprovou que 40,5% dos entrevistados estavam envolvidos de alguma maneira com o *bullying*.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Definição

O *bullying* é conceituado como um problema mundial que tem se disseminado largamente nos últimos anos e que só recentemente vem sendo estudado no Brasil. Define-se como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais, pejorativas e repetidas, que ocorrem sem motivo evidente adotado por um ou mais alunos contra outros, causando sentimentos negativos como raiva, angústia, sofrimento e em alguns casos queda do rendimento escolar (FANTE, 2005).

Trata-se de um termo em inglês utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes sem um motivo evidente, seria algo como intimidação, perseguição, humilhação (DREYER 2009).

Seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim onde existem relações interpessoais (FANTE, 2005, p.179).

Esse fenômeno está presente em todos os âmbitos sociais, sendo eles públicos ou privados, rural ou urbano, primário ou secundário, básico ou superior. Os vestígios da prática do *bullying* são encontrados mais nos meninos, já nas meninas percebe-se mais difamação e exclusão.

Agressividade/*Bullying* são comportamento agres-

sivo de intimidação e que apresenta um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam varias estratégias de intimidação do outro e que resulta em praticas violentas exercida por um grupo ou individual. Além dos termos utilizados podem se classificar também como, agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, assédio sexual ou abusos, e entre crianças fazer mal, chatear, pegar no pé (PEREIRA, 2002, p.24).

A Associação Brasileira de Proteção à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA) define *bullying* como um conceito semelhante ao de Fante (2005), que afirma que o *bullying* é visto como atitudes agressivas repetitivas, sem motivação evidente, que podem causar dor e angústia a quem sofre e prazer a quem pratica. Já o conceito da ABRAPIA é mais conciso, a prática do *bullying* ocorreria quando um ou mais alunos agredirem um ao outro, estabelecendo com este uma relação de desigualdade de poder. Geralmente um aluno mais forte escolhe um mais fraco para ser sua vítima.

Em uma pesquisa de Cavalcante, aborda-se outra característica, é inserido os apelidos no conceito de *bullying*, e também os maus comentários descritos como coisa de estudante, que deixam marcas profundas e traumáticas.

As mais diversas formas de agressividade que geram o *bullying*, muitas vezes, são consideradas normais. Raggio (*apud* Neves e Romanelli 2006) afirma que o ser humano necessita de agressividade para viver. Segundo Sacchetto, a agressividade tem várias intencionalidades, pode ter o intuito de machucar alguém ou de buscar recompensa, ou chamar atenção. Segundo estudos da ABRAPIA, a maioria dos alunos que praticam o *bullying* têm problemas afetivos em casa.

Percebendo que o *bullying* tem várias características, entre elas a repetição de comportamentos como violência física, verbal, humilhações, apelidos, entre outros, cabe refletir sobre o fato de que tais violências já possuem uma definição. Como por exemplo: uma criança negra que sofre a agressão física repetida vezes sofre de *bullying* ou de racismo? O que se percebe é que comportamentos já existentes passam a ter outro “nome” quando ocorrido repetidamente.

Existem diversas formas da prática do *bullying* entre elas podemos classificar:

Forma Verbal: Insultar, ofender, falar mal, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e zoar; Forma Física e Material: Bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas e atirar objetos contra as vítimas; Forma Psicológica e Moral: Irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tirar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas); Forma Sexual: Abusar, violentar, assediar e insinuar; Forma Virtual: usar a internet para caluniar, maltratar entre outras atitudes já descritas contra o próximo (SILVA, 2009 p.22,23 e 24).

Tendo em vista as definições dos autores acima, pode-se afirmar que o *bullying* é um fenômeno social e que, portanto ocorre com bastante frequência no contexto escolar, pois o seu público são crianças e adolescentes, os quais estão mais propícios à prática do *bullying*.

## 2.2 A Escola

A escola é um lugar que tem por finalidade ensinar e educar, um local de ascensão para uma vida melhor, de crescimento e evolução intelectual. Esta seria uma definição brilhante para a escola se a realidade assim permitisse. Porém, Fante (2005) afirma que o fenômeno *Bullying* já esta na escola há muito tempo.

Estariamos vivendo um período de crise na educação, ou seja, já não está tão claro e não há mais sentido para os alunos frequentarem um espaço desagradável. O que antes era visto como trampolim para uma vida melhor, aumentando as oportunidades de trabalho e qualidade de vida, perdeu-se no tempo e hoje os jovens vivem a desesperanças em relação ao futuro e é neste contexto em que emerge a violência escolar (CUBAS, 2006).

Nossa sociedade vive hoje situação de violência e nas nossas escolas temos tido violências em todos os níveis. Agressões físicas, desavenças constantes, repressões, humilhações e exclusões desenham um cotidiano escolar que nos induz a um entendimento da escola como reflexo da sociedade, sem possibilidades de mudanças internas e forças para contribuir com uma mudança social. (FILHO, 2000 p.45)

A escola sempre era vista como um lugar seguro para apreender, para desenvolver habilidades intelectuais, para fazer amizades, não esperando que todas aquelas brincadeiras inocentes que muitos são coniventes com os apelidos e todos os sarros, poderia causar graves traumas e se transformar em algo tão ruim. Hoje pouco se sabe do que pode acontecer dentro da escola. Assim:

A escola não seria mais representada como um lugar, seguro de integração social, de socialização, não é mais, um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. Desse modo, percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas quanto da efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego. (ABRAMOVAY, 2002 p. 138).

O trabalho exercido pela escola deve ser de comum acordo com a família, contando com a sua presença e participação. Se a família se isenta de toda responsabilidade a escola vai entrar ainda mais em decadência. Um dos grandes desafios que a escola enfrenta além da isenção dos pais, da falta de interesse dos alunos é o aumento da violência dentro do ambiente. Isto que, muitas vezes, nada mais é do que um reflexo da vida social do aluno. Para Tauil (2009) a desestruturação familiar, cultural e educacional são as principais causas que desencadeiam comportamentos



de agressividade, que levam a prática do *'bullying'*.

Marília Pinto de Carvalho, no texto: “Violências nas escolas: *Bullying* e a Indisciplina”, afirma que o *bullying* é uma indisciplina escolar. Ela também levanta uma grande discussão a este respeito e alega a sua preocupação em poder estar confundindo uma simples indisciplina com o *bullying*. Logo se percebe a grande distinção entre elas, a indisciplina fere as regras da escola e o *bullying* fere o Código Penal.

Pode-se notar depois de muitos casos e de um maior tratamento do assunto pela mídia, foi quando as escolas começaram a dar mais atenção a este fenômeno e se preocupar com suas consequências. Porém, a falta de preparo e de conhecimento dos professores e funcionários faz-se regredir muito a este respeito. Há escolas que, infelizmente, não aceitam e não reconhecem a existência do *bullying* no seu ambiente, o que torna muito mais difícil seu controle e seu combate.

A grande maioria das pessoas creem que o *bullying* só acontece em escolas públicas, mero engano, este fenômeno está apto a acontecer em qualquer lugar, basta ter a presença do ser humano: O *bully*.

A ABRAPIA chegou as seguintes conclusões: que a grande incidência dos casos de *bullying* se concentra dentro das salas de aula, por ter uma sala com muitos alunos e os professores não terem domínio e conhecimento sobre o assunto.

Fante (2005, p. 75) comenta sobre a violência escolar:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais familiares, sócio-educacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Percebe-se que na maioria das escolas, além do desconhecimento, também são indiferentes em relação aos casos existente. Muitas vezes as escolas não admitem e não permitem o estudo mais aprofundado dos

professores, funcionários e alunos sobre o *bullying*, o que dificulta muito a compreensão e prevenção do problema.

### 2.3 Agentes do *Bullying*: Vítima, Agressor e as Testemunhas

O entendimento do *bullying* tratado nesta pesquisa envolve os estudantes no ambiente escolar. Logo não trataremos apenas os diretamente envolvidos e, sim as pessoas que de alguma forma contribuem, são alheias ou são coniventes com a situação. Isto inclui os professores e os pais, como cita Nogueira (2010 p. 12):

Os agressores geralmente acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação equivocada, a ser o centro das atenções. São crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos. Na realidade, eles repetem um comportamento aprendido de autoridade e de pressão. Tanto as vítimas, quanto os agressores, necessitam de auxílio e de orientação. Os demais alunos são os observadores da violência. Eles convivem com ela e se calam ou são ignorados em suas observações por pais e professores. Temem tornarem-se alvos, e podem sentir-se incomodados e inseguros.

No *bullying* há três formas de envolvimento: autor, vítima e testemunha e em todos os casos os envolvidos podem sofrer graves consequências no que diz respeito à aprendizagem e ao convívio social. De acordo com Neto (2004), as consequências relacionadas ao *bullying* podem ser físicas ou emocionais, de curto ou longo prazo, gerando dificuldades na aprendizagem, dificuldades de convívio social e também problemas emocionais.

### 2.4 A Vítima

Normalmente, os alunos que são visados para serem as vítimas são aqueles que possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem. Segundo Neto (2004), a escola é de grande importância para as crianças e as que não gostam dela tem a maior probabilidade

de apresentar desempenho insatisfatório. Por estes motivos é que a aceitação por parte dos companheiros é fundamental para um bom desempenho escolar.

As crianças vítimas de *bullying* podem apresentar as seguintes características de acordo com uma pesquisa realizada pela ABRAPIA no ano de 2003: de uma hora para outra começa a não frequentar mais as aulas regularmente, pedem para trocar de classe, apresentam manifestações de baixa estima, sofrem queda no rendimento escolar.

Existem vários tipos de definições de vítimas, entre elas a vítima provocadora que é considerada o famoso “abusadinho”; o gênio ruim da escola, mais não consegue em contrapartida se defender quando insultado ou agredido. E a vítima agressora é aquela que já sofreu *bullying* que um dia foi atacada e para se vingar passa a agir da mesma forma que lhe atacaram.

As vítimas escolhidas para sofrer os maus tratos dos agressores estão sempre em desvantagem no momento da agressão. Não reagem aos insultos e quando pensam em reagir não confiam em si mesmo, e acabam sofrendo calada. Além disso:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos (NETO, 2009 p. 101).

Para tanto, se percebe que as vítimas têm características próprias e muitas vezes, que se diferenciam de todo o grupo; sendo tímidos; indo melhores nas matérias de cunho intelectual e não em esforços físicos; encontram-se a maioria das vezes sozinhos, perto de adultos; com vergonha; não se socializam; começam a ter várias faltas; perdem o interesse pela escola; não tem o nível de vida dos outros. Enfim, as vítimas podem ser caracterizadas sendo pessoas com diferentes características que não

agradam a uma pessoa ou a um grupo que se sente no direito de ir e humilhar e tornar a vida deste um verdadeiro tormento.

## 2.5 O Agressor – o *bully*

Denomina-se *bully* aquelas pessoas que comentem as agressões. De acordo com Neto (2004), o *bully* é tipicamente popular, tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais. Pode mostrar-se agressivo inclusive com adultos, vê a sua agressividade como uma qualidade. A ABRAPIA mostra que 29% dos autores comentem as agressões por brincadeira sem se darem conta dos danos emocionais que causam nas vítimas. De acordo com Fante, o *bully* do *bullying* pode manter um pequeno grupo em torno de si, no qual atuam como auxiliares em suas agressões. Os alunos identificados como seguidores raramente tomam as iniciativas das agressões. Fazem isto pelo mero prazer de pertencer ao grupo dominante. Assim:

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um “componente benefício” em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes anti-sociais antes da puberdade e por longo tempo (NETO, 2009 p. 26-27).

O *bully* quase sempre não age sozinho, mais em grupo, ou melhor, dizendo em bando, utiliza-se do poder para aterrorizar e juntar seguidores que também se sentem “ameaçados”.

O intimidador é aquele sádico que põe em ação a sua malvadeza cujo traço principal é a covardia. Isso mesmo, o intimidador é, acima de tudo, um covarde, mas não por isso menos maléfico. Sua estratégia de ação é manipular palavras e pessoas. Tenta formar um pequeno exército que também deve se voltar contra a vítima. Ao perceber-se capaz de acuar e anular alguém se sente poderoso e triunfante (MAKARON, 2010 p. 06).

O *bully* quer demonstrar domínio e força diante dos outros e para que isso aconteça, escolhe para ser seu alvo, os mais fracos, o tímido, o gordinho, o que usa óculos, o novato, o que tem alguma deficiência, entre outros, em cima destes alunos o agressor se torna o bonzão, o maioral, o melhor e perverso, o malvado. Ele age premeditadamente por algum motivo em específico ou pela simples vontade de mostrar que tem o poder.

O *bully* causa transtorno a todos, inclusive a seus pais, portanto todos precisam de ajuda, acompanhamento e tratamento. Em muitos casos os pais quando avisados do comportamento agressivo de seu filho não reconhecem, sendo que em casa os filhos têm outras atitudes e jeitos. Eles não têm limites, o fim para o *bully* é a destruição do outro, querem medir força e sempre ganhar, querem se destacar em algo, o que infelizmente não o torna campeão de nada.

## 2.6 A Testemunha

As testemunhas são as que menos sabem que fazem parte do fenômeno do *bullying*. Procuram se manter afastadas dos agressores e das vítimas, não ajudam nenhum nem o outro. Porém, não deixam de ser espectadores das agressividades e se calam, também com medo de serem agredidos. A maioria das testemunhas, por vários motivos finge não ver as agressões.

Segundo Silva (2009) as testemunhas são aqueles alunos que veem as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores. Podendo dividir as testemunhas em três grupos:

As testemunhas Passivas, que em geral assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças, eles

não concordam e até repelem as atitudes dos *bullies*; no entanto, ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas. Nesse grupo encontram-se aqueles que, ao presenciarem cenas de violência ou que trazem embaraços aos colegas, estão propensos a sofrer as consequências psíquicas, uma vez que suas estruturas psicológicas também são frágeis.

Já as Testemunhas ativas estão incluso neste grupo os alunos, que apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas isso não significa, em absoluto, que deixam de se divertir com o que veem. É importante ressaltar que misturados as testemunhas podemos encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente camuflados de bons moços. Eles tramaram tudo e, agora, estão apenas observando e se divertindo ao verem o circo pegar fogo.

E também existem as testemunhas neutras, dentre eles podemos perceber os alunos, que por uma questão sociocultural não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam.

Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques de *bullying*. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminoso, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de *bullying* (SILVA, 2009 p. 46).

O *bullying* afeta a todos, independe do grau de participação, esse fenômeno atrapalha o crescimento das crianças e traz sérias consequências para a sociedade.

## 2.7 O professor e o *bullying*

Este fenômeno está presente em quase todas as salas de aula e acontece na presença do professor. Isto acontece muitas vezes por os professores não prestarem atenção nos alunos por estarem sobrecarregados, com salas superlotadas, conteúdos para bater, livro para preencher entre

outros, ou por o professor não ter conhecimento do assunto.

Muitas vezes pode o professor mesmo chamar a atenção de um aluno de uma forma que o expõe e isso serve de exemplos para os outros, pensando que podem fazer igual e faz igual, e muitas vezes até pior. Para Lobo (1997), a crítica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for.

Não se pode atribuir ao docente toda responsabilidade do *bullying* na sala de aula. Se o professor transmite aos alunos a importância do respeito, amizade e companheirismo pode mudar esta realidade.

O professor da forma com que se remete ao aluno pode acabar gerando casos de *bullying*. Isso pode acontecer de várias formas desde o chamar a atenção, dar risadas com as zombarias dos outros alunos, com piadas e apelidos, muitas vezes colocando ele mesmo apelidos. Enfim o professor tem que ter muito cuidado, pois ao invés de ser um parceiro, um interventor para ajudar na prevenção, pode acabar sendo um agressor mesmo sem ter a intenção. Essas atitudes são muito comuns no ambiente escolar e o professor sem se dar conta abriu brechas para a ocorrência do *bullying* na sala de aula.

## **2.8 Consequências do *bullying***

O *bullying* causa grandes consequências em todos os âmbitos e para todos os agentes, sendo a vítima o seu maior prejudicado, que muitas vezes além de todos os sofrimentos já passados, não consegue supera-los, carregam esses traumas por toda a vida, e muitas vezes preferem à morte. Segundo Fante (2005) as vítimas podem sofrer por muito tempo no ambiente escolar, sem que nenhum responsável saiba do seu sofrimento.

O *bullying* traz inúmeras consequências que podem gerar grandes traumas, que dependem da estrutura familiar e psicológica para ser superado, o que nem sempre acontece, e em alguns casos leva à morte.

Para Pereira (2005) as vítimas algumas vezes não falam da violência que estão sofrendo por medo de represália e por vergonha, e até mesmo por não confiar que as pessoas podem ajudar. Com isso, começa a manifestar nas vítimas o pensamento de vingança e até de suicídio, comportamentos agressivos e violentos que prejudicam a si mesmo e a toda sociedade.

As vítimas não sofrem consequências apenas na sua vida escolar. Estes alunos sofrem dificuldades por toda a sua vida, devido a sua baixa autoestima e saúde emocional abalada. A vítima do *bullying* se torna uma pessoa insegura em tudo na sua vida, desde a sua aparência física até nas decisões a tomar.

Para Fante (2005), o *bully* é aquele que não se adapta à escola e seus objetivos, fazendo da violência a única forma de chamar a atenção, conseguir seus objetivos e ter poder. O que pode levar o indivíduo a um futuro não muito promissor, sendo já inserido no mundo do crime, por adotar um comportamento delinquente como: agressão, drogas, furtos entre outros. Acreditando ele que agindo com violência e força conseguirá tudo o que deseja, já que foi assim na sua época escolar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é apenas uma palavra estrangeira usada para caracterizar violências já conhecidas, inerentes a qualquer sociedade, um nome novo para caracterizar um fenômeno antigo. A inserção dessa palavra no cotidiano das pessoas, em especial as envolvidas com a educação escolar, gera incertezas, insegurança, confusão, prejudicando a forma de lidar com a situação quando ela ocorre.

A violência hoje está por toda a parte e como a escola é o reflexo da sociedade, a violência está entrando nos colégios com um nome mais bonito, e que muitas pessoas não sabem o que representa o *bullying*. Como se pode observar, esse fenômeno tem passado por várias roupagens, portanto é preciso que a escola fique atenta para não deixar que os alunos tímidos sofram na mão dos mais “espertos”. Além do mais, muitos professores não conseguem identificar a manifestação do *bullying*, pois normalmente as crianças evitam expor o problema aos profissionais, por entenderem que nada podem fazer para ajudá-las.

Pode-se afirmar que o *bullying* não é só uma brincadeira de criança ou adolescente, pois faz com que muitas pessoas se sintam humilhadas e com grandes problemas psiquiátricos, portanto quando um aluno coloca apelido no outro, ou faz o famoso “pedala” Robinho deve-se intervir para que este aluno não continue agredido o colega.

Toda a comunidade escolar, incluindo os pais, devem trabalhar



juntos na prevenção do *bullying*, ajudando crianças e jovens a serem educados para a paz e não para violência, jamais retribuindo o que lhe fizeram de errado. Deve-se prestar atenção em todas as pessoas envolvidas no *bullying*: vítima, agressor - *bully*, testemunha, para identificá-las mesmo que não falem sobre a violência. Neste sentido, é importante salientar que o *bullying* masculino é mais direto, enquanto o feminino é indireto, mas ambos provocam as mesmas consequências na vida dos agredidos.

Para tentar erradicar o *bullying* das salas de aula, é necessário tanto o envolvimento dos professores quanto dos alunos. O professor deve transmitir as questões éticas, respeito mútuo, diálogo, justiça e solidariedade. E o papel dos alunos é entender e colocar em prática estas ações. Não que com essas ações pode-se acabar com o *bullying* na sala de aula, mas já é um começo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), o professor deverá trabalhar em seu cotidiano pedagógico os conteúdos de ética, priorizando o convívio escolar.

Os blocos são os seguintes:

- Respeito Mútuo;
- Justiça;
- Diálogo;
- Solidariedade.

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar, é fundamental ao educador. Outro fator importante para o educador é que se em sua sala de aula os alunos não se sentirem bem e felizes com o ambiente, o processo educativo será mais penoso.

Com esta pesquisa pode-se observar também que o *bullying* é um assunto pouco conhecido entre os professores, sendo que estes não tem um conhecimento aprofundado dos males que o *bullying* gera nos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional e psicológico tanto na aprendizagem.

Seria interessante que os professores comesçassem a entender o

fenômeno como algo além da sala de aula, com suas raízes sociais baseadas na competição, na valorização de certos padrões e desvalorização de outros. Se o ambiente de sala deixasse de ser apenas um local onde se adquire habilidades e competências e passasse a ser um local onde se aprende e se utiliza valores e temas transversais. A educação voltada para os valores pode contribuir com a redução do *Bullying*. A ABRAPIA propõe soluções para o controle e prevenção do *Bullying*, entre elas a conscientização dos alunos por meio de projetos extracurriculares. Essa atitude pode ser considerada educação de valores e pode ser inserida no currículo da escola, ao invés de ser apenas um projeto.

As escolas poderiam começar a se mobilizar com relação ao tema, não só levando o assunto às crianças, mas, principalmente, tratando de ajudar os professores no esclarecimento do fenômeno. Além disso, é fundamental oferecer o suporte necessário para que a segurança tome o lugar da incerteza, e, assim, os professores possam trabalhar com seus alunos a melhor maneira de se diminuir a violência, para que a escola não seja uma passagem tão difícil para a criança (SILVA, 2005).

Contudo, para se prevenir a ocorrência de *bullying* na sala de aula, não é necessariamente fundamental que o professor conheça o contexto de *bullying* e suas consequências, pois o *bullying* nada mais é do que o desrespeito ao próximo, a não aceitação das diferenças, tanto físicas, quanto sociais, religiosas, enfim, as diferenças existentes de um ser humano para outro. Para se prevenir, portanto o *bullying*, é necessária uma postura do professor com relação a classe, trabalhando com seus alunos todos esses aspectos citados anteriormente (SILVA, 2005).

Tendo em vista as discussões levantadas neste estudo, cabe aqui uma indagação: existe algum aspecto positivo no *bullying*?

## REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência 2006. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <goo.gl/QvAATG>. Acesso em: 22 ago. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, **NBR-14724**: Informação e documentação: formatação de trabalhos acadêmicos. Rio de

Janeiro, (2017).

BARROS, F. M. de. **As sanções do ECA em face do Direito Penal**. Disponível em: <[http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB\\_Artigo0050.pdf](http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2012.

BONAMIGO, C. A. **Guia didático: metodologia da pesquisa científica**. Umuarama: Unipar, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BULLYING, um crime nas escolas. **ISTO É Independente**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2026/artigo100431-4.htm>>. Acesso em: 13 set. 2012.

CAVALCANTE, M. Como lidar com “brincadeiras” que machucam a alma. **Revista Nova Escola**, Dezembro de 2004, Ed. Abril.

DANTAS, T. **Equipe Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em: 13 set. 2012.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Rio de Janeiro. Editora Verus, 2005.

FERREIRA, L. A. M. **A indisciplina escolar e o ato infracional**. Disponível em: <[http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao\\_infancia\\_juventude/doutrina/doutrinas\\_artigos](http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_infancia_juventude/doutrina/doutrinas_artigos)> Acesso em: 13 set. 2012.

JÚNIOR. S. L. R., **Bullying: uma realidade cruel no contexto escolar**. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp120.htm>>. Acesso em: 12 set. 2012.

LIMA, T. M. M. **Na educação e formação escolar dos filhos: o dever dos pais de indenizar o filho prejudicado**. Disponível em: <[http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ano2\\_2/Palestra-IBDFAM-2003.pdf](http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ano2_2/Palestra-IBDFAM-2003.pdf)>.

Acesso em: 12 set. 2012.

LOPES NETO, A. A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12.set.2012.

MAKARON, S. **Bullying: Como enfrentá-lo?** Disponível em: <[http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying\\_como\\_enfrentar.pdf](http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2012.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?** Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MAURO, B. S. Cyber Bullying violência virtual. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 67-73, jun./jul. 2010.

NETO, A.L. **Diga não ao bullying.** 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. **A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas.** Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: <[http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco\\_de\\_imagens/rie37a04.pdf](http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2012.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Dinalivro, 2002.

PEREIRA, M. A. P. **As sanções do ECA em face do Direito Penal.** Curso preparatório FMB. Disponível em: <[http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB\\_Artigo0050.pdf](http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2012.

SILVA, G. de J. **Bullying: quando a escola não é um paraíso.** Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>>. Acesso em: 12 set. 2012.

TAUIL, L. C.; COSTA P. R. G. F.; RODRIGUES, T.F. **Bullying na**

**escola e na sociedade moderna.** São Paulo: Instituto de Educação Boni Consilii, 2009.

TRINDADE, A. M. **Aspectos Psicossociais da Intimidação/Bullying.** Disponível em: <<http://www.novacriminologia.com.br/artigos/leiamais/default.asp?id=1977>>. Acesso em: 12 set. 2012.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos. **Comissão de Normalização de Trabalhos Acadêmicos.** Curitiba: 2008. 122p.

Recebido em: 22/08/2017

Aceito em: 05/07/2018